

Tiroteio verbal invadiu a telinha

Por pouco, os candidatos à sucessão não transformaram a TV num ringue, durante os dois meses do horário gratuito. O tiroteio verbal que deu o tom da primeira eleição direta para Presidente em 29 anos oscilou do embate ideológico aos ataques pessoais e às ofensas.

Mas, entre mortos e feridos, salvaram-se todos, sobretudo os eleitores, que tiveram a rara oportunidade de ver e ouvir na TV as propostas dos 22 candidatos. Até especialistas em marketing político, que, antes do início do horário gratuito, duvidavam da eficácia desse tipo de programação, mudaram de idéia. É o caso, por exemplo, do Diretor-Vice-Presidente da Escola Superior de Propaganda e Marketing, José Roberto Whitaker Penteado.

— Apesar dos erros e acertos cometidos por certas assessorias, o saldo foi positivo e a experiência maravilhosa — admitiu Whitaker, ao comentar que a programação do TSE na TV acabou se transformando num exercício de democracia.

Esse primeiro contato do eleitor com o bate-boca dos candidatos foi apenas uma **avant-première** do segundo turno das eleições quando, aí sim, apenas dois adversários vão se digladiar no ringue. Além de nocautear a inflação, dar um direto no déficit público e um soco na dívida externa brasileira, o candidato vencedor terá a árdua tarefa de recolher os paus e as pedras que atravancaram seu caminho.

Como se não bastasse o aumento de tensão nas últimas semanas do horário gratuito no rádio e na TV, os concorrentes foram surpreendidos por uma "candidatura de aluguel" que, às vésperas do pleito, desequilibrou o processo político.

Com a entrada tardia e frustrada do empresário e animador de TV Silvio Santos na sucessão presidencial, o Presidente Sarney voltou, na última semana da programação do TSE, a ser o alvo preferido dos candidatos, como já o fora no começo do horário gratuito.

O pronunciamento de Fernando Collor no fim de semana anterior ao final do horário gratuito na TV foi tão agressivo que Sarney se sentiu obrigado a romper o silêncio. Entrou com processo no TSE, requerendo o direito de resposta às acusações feitas pelo candidato do PRN: "irresponsável, omisso e fraco".

Antes de Sarney voltar a ser o alvo preferencial, Luís Inácio Lula da Silva (PT) monopolizava o horário gratuito. Depois da acusação de Ronaldo Caiado (PSD), no penúltimo debate da TV Bandeirantes, de que a Prefeitura de São Paulo teria recebido ajuda financeira da Lubeca para ajudar a campanha do PT, e do desmoroamento na Favela Nova República, os candidatos apontaram suas metralhadoras contra a Frente Brasil Popular.

Paulo Maluf, por exemplo, afirmou — depois de chamar o PT de criminoso —, que a Prefeita de São Paulo, Luiza Erundina, não soube usar a lei para evitar a tragédia na Favela Nova República. E, ao se referir por várias vezes ao PCB, ao PT e ao PDT, o candidato do PDS comentou que, "enquanto todo o mundo comunista está revendo seu regime de governo, Lula e Brizola insistem em querer implantar no Brasil o comunismo nefando". Seguindo essa linha de raciocínio fatalista, Maluf encontrou dois aliados insubstituíveis no horário gratuito: Ronaldo Caiado e Afif Domingos.